

mulher
meio ambiente

MEMÓRIAS DO PLANETA FÊMEA

ROSISKA DARCY DE OLIVEIRA

Há quem explique a origem da Terra por conta de uma gigantesca explosão, um *big bang*, catástrofe criativa, que refez a desordem do Cosmos. Ao que tudo indica, planetas nascem de sustos. Do susto de se depararem com uma "Cúpula da Terra" as mulheres criaram um planeta. É dele que estamos voltando, é dele que temos memórias. Memórias do Planeta Fêmea.

A banalidade do cotidiano, o fio emaranhado dos dias não encobre o destino privilegiado de uma geração. Foi preciso mil anos para que, no confronto com o Tempo, nos déssemos conta desse tempo que é o nosso, do nosso estranho destino *fin de siècle*. Pior – ou melhor – fim de milênio. Essa, a parte que nos coube, a sorte que nos cabe, cabe a nós preparar o *Reveillon* do ano 2.000. Viver esse misto de angústia pelo passado, de perplexidade face ao presente, obstinado namoro com o futuro. E responsabilidade, por alguma possível alegria.

Coube ao Rio de Janeiro, nosso lugar no mundo, acolher uma romaria de gente de poder, mas também de despossuídos, que acorreram aqui a pretexto do que se chamou "Cúpula da Terra", conferência de aflições planetárias. O milênio vai terminando assim, nas costas da baía de Guanabara, e na areia veio dar a constatação de um imenso fracasso, não de um regime, não de uma sociedade qualquer, mas de um projeto de civilização. Fracasso sensível no desequilíbrio da Terra, na disritmia das estações, na poeira do vento que contamina, na desolação das florestas amputadas, na deriva dos pólos. Sofrido no desencontro das gentes, na solidão dos continentes esquecidos, na humilhação de seres humanos descartáveis, na impiedade do mercado, no silêncio do sentido. Palpável no descaminho da vida, na esterilização forçada dos ventres das mulheres, no delírio da ciência, no desterro da ética.

Mas para festejar o novo milênio, a história preparou novas encruzilhadas. Vindas do mundo inteiro, atravessando aos trancos e barrancos os

territórios do masculino, as mulheres foram aos poucos chegando aos lugares proibidos do saber e do poder, introduzindo a desordem criativa na Ordem do Fracasso. De volta do exílio em que nasceram, dispunham-se a reescrever a história humana da natureza, recusando a autoria de uma cultura que construiu-se em oposição a ela, orgulhosa da predação da vida, uma cultura pensada e gerida por um único sexo. A essa ordem que fracassou, as mulheres opunham a Ordem da Vida.

A contemporaneidade com os fatos históricos banaliza o seu porte. Uma tenda verde e branca plantada no Aterro do Flamengo, que anunciávamos com orgulho ser "a maior de todas" as do Fórum Global, não evocava nada mais do que um teto modesto contra um sol escaldante, insólito no mês de junho, como a reforçar a evidência dos surtos da natureza desequilibrada. As camisetas do Planeta Fêmea falavam de mel e maravilha, mundo e mar e certamente de mulher. Nada heróico, nada grandiloquente. Sem palavras de ordem ou talvez algumas disfarçadas. *To make a difference* propunham as americanas e nós respondíamos que sim, cantando que "quem traz no corpo essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida". A vida foi talvez a palavra mais dita. O 'hino' do movimento de mulheres brasileiras foi, felizmente, escrito por um homem.

E veio a madrugada do primeiro dia e, em vigília noite a dentro, celebramos a esperança, num ritual multi-mídia, multi-sexos, multi-credos, multi-sons. Ato de protesto contra o estado do mundo, mas celebração da esperança, *quand-même*. Trazemos no corpo essa marca. Nada mais que uma festa, e a contemporaneidade que banaliza tudo. Mas o toque de alvorada tocado pela corneteira da polícia paulista que nunca vira o mar e vagava em êxtase na areia, essa imagem ficará. "Porque as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão".

Panorama visto do alto das pedras do Leme: o mar colaborando nessa noite com um ritmo especialmente doce, idas e vindas na franja da areia iluminada por velas e refletores de televisão. O mais belo salão do Rio se abria a seus convidados, mesa posta sobre a areia, em ceia de frutas e risos. Evocação de deuses múltiplos, alguns brasileiros (lemanjá foi bem servida), e o maracatú levando a todos, "seguindo os caminhos da beira do mar". Amanheceu e acabou, deixando a melancolia de um dia como outro qualquer. A algumas horas dali abriam-se os debates no Planeta Fêmea.

Um obstáculo epistemológico

"Não estou nada, mas nada mesmo interessada em que as mulheres façam aquilo que os homens fizeram durante séculos, milênios. Isto lhes digo logo de entrada. O que me interessa, o que foi e é a minha tentativa, é procurar como as mulheres podem dar, de maneira original, uma contribuição para que vivamos uma História de dimensão humana e de dimensão global." Maria de Lourdes Pintassilgo, com o peso e a autoridade histórica de uma chefe de Estado, coloca assim um desafio que, para além do político, é sobretudo epistemológico. Esse desafio tem condições: "abandonar um

pensamento linear, um raciocínio que ignora a descontinuidade que é a marca do real, que não compreende o zigzague que as mulheres intuitivamente percebem, que não compreende que as coisas estão rodando umas em volta das outras, entrosando-se umas às outras, raciocínio que ainda quer acreditar, simplista que é, que cada causa tem um efeito, e não que ela produz inúmeros efeitos e cada efeito é a conjugação de tantas causas, algumas historicamente invisíveis, outras não. O que é cientificamente grosseiro, não mais que uma pré-ciência".

Pintassilgo fez-se, assim, herdeira do que, no movimento ecológico, é não somente a sua origem mas sua mais importante colaboração à história do pensamento. O pensamento ecológico, enquanto episteme, teve o mérito de romper "essa relação binária, naturalmente de oposição, que conduz, às vezes, a alguma síntese criadora mas também a um desperdício enorme de idéias".

A interrogação sobre como pensamos o mundo, os condicionamentos que são os nossos, atravessaram os debates como uma lâmina de fundo. Como um deslocamento de ponto de vista que muda a luminosidade sobre as imagens, que muda os contornos do objeto e revela outros, ocultados, esse deslocamento longe de criar insegurança constitui-se numa espécie de certeza de estar-se abrindo caminhos.

A originalidade da participação das mulheres nos debates sobre a civilização foi exatamente a afirmação de que, na medida em que todo conhecimento é socialmente construído, a inclusão ou a exclusão das mulheres desse processo de construção não é sem conseqüências nos resultados obtidos. É a realidade social que define o que é ou não é conhecimento, e não o contrário. "Na construção do conhecimento, o modo de fazê-lo foi definido, de fato, pela voz do Masculino e silêncio do Feminino. O edifício do conhecimento assim erguido tem várias rachaduras pois o que veio a ser conhecido como universal e objetivo foi construído historicamente com parâmetros masculinos e subjetivos. Como na construção do conhecimento eurocêntrico, o Ocidente veio a ser a norma e o 'universal', excluindo outras civilizações, outras culturas, na sua dimensão androcêntrica o masculino se tornou a norma, a mentalidade masculina excluiu o feminino e gerou um conhecimento, uma sabedoria, na qual as vidas e experiências das mulheres estiveram invisíveis". A voz é de Corine Kumar de Souza. "A ciência moderna fracciona, isola, aparta as idéias dos sentimentos, encaminha para o 'objetivo', longe do fogo dos sentimentos. Requer a supressão das emoções. É preciso que assim seja, pois não há categorias exatas que possam conter experiências pessoais. Não há fórmulas matemáticas para medir emoções, não há lugar numa ciência obcecada pela objetividade para explicar o subjetivo". Corine, como contraponto a essa ciência que deixa os resíduos tóxicos de que fala Pintassilgo, sugere a "insurreição dos conhecimentos submersos", alimentando-a com a complexidade do sujeito.

O sujeito do mundo que foi até então o masculino, tomado como universal, se descobre hoje seccionado de sua própria complexidade, erran-

te em busca de sua outra metade. Complexidade também no objeto que a ecologia, como ótica, revela como intrincado tecido de relações, objeto que nunca é apenas o seu próprio recorte, mas ponto de ouro, fluido e momentâneo, atraindo o olhar daquele momento. Objeto a desdobrar-se em leituras várias, tanto mais falsas quanto mais segmentadas, tanto mais equívocas quanto seguras de si mesma.

A emergência desse sujeito *Feminino, autor de ciência, leitor de realidades* e portanto inventor delas, pressupõe o que Antoinette Fouqué chamou de *democratização da sociedade*. Essa democratização implica, para além e graças aos direitos reivindicados e adquiridos pelas lutas do movimento feminista, uma mudança profunda nas estruturas de pensamento do social.

E aqui exerço o sagrado e perverso direito de plagiar a mim mesma, citando o que disse na abertura da mesa sobre o Código de Ética e Novos Valores que coordenei:

"Os progressos da ciência são também, paradoxalmente, os da nossa ignorância. Assim como a vela acesa na catedral não pretende iluminá-la mas dar a ver a amplitude das trevas, assim como o halo que cerca a chama não faz senão revelar os humildes limites de sua luz, assim também a ciência, nos seus progressos, não faz senão clarear a imensa extensão do que não conhecemos.

O século XX chega ao fim, confrontando-nos a uma constatação perturbadora: o pensamento tem sido até hoje uma atividade dos homens. A versão do mundo que a ciência nos propôs como origem, percurso e destino de todos nós foi, na verdade, a de um sexo, de apenas um dos sexos, que, até agora, pensou o mundo e a cultura em nome dos homens e das mulheres. Esta mutilação é ponto cego da civilização. Excluídas as mulheres, o pensamento se transformou no produto de uma humanidade lobotomizada.

O espesso *cahier de doléances*, compilado pelo movimento de mulheres, ao longo do século, em reação contra essa exclusão, exigiu uma imensa energia. A reivindicação de igualdade com os homens foi sendo, aos poucos, por toda parte, em diferentes níveis, reconhecida como legítima e codificada tanto em convenções internacionais quanto na ordem legal dos países democráticos.

Durante os últimos trinta anos, as mulheres fizeram maciçamente a travessia dos territórios do masculino. Ocuparam os lugares do saber, do poder e da criação no momento agônico do pensamento humanista. O poder, longe da sabedoria, se esvaziou do seu conteúdo político e se submeteu ao econômico; a ciência se submeteu à técnica como destino imediato, reiterando, por caminhos tortuosos, o primado do econômico. A arte, descrente de si mesma, perdeu seu valor de anúncio, instalando-se melancolicamente no conformismo descritivo. Este momento de esgotamento das promessas do humanismo abre a possibilidade e a necessidade de uma revolução epistemológica que inclua, na idéia mesma do humano, homens e mulheres.

A irracionalidade da ciência não se manifesta unicamente na miopia dos seus métodos mas também, e sobretudo, na perda de controle sobre seus fins. Cada vez mais estreitos, os laços entre ciência e técnica transformaram os dados da relação ciência-sociedade. Se, no ponto de partida, a técnica era o campo de experimentação da ciência, que dela se servia para testar seus postulados, hoje essa relação se inverteu. A técnica tornou-se senhora da ciência e a utiliza em função de sua finalidade de manipulação. A tradição da ciência enquanto patrimônio humano, transformável em consciência de si, da natureza e do cosmos, se perdeu na opacidade da tecno-burocracia e transformou a aventura do pensamento em uma máquina louca, descontrolada, que se move por si ao mesmo tempo em que as disciplinas científicas abdicam, pouco a pouco, da idéia mesma de homem. A biologia, por exemplo, esvazia a idéia da vida em favor das moléculas e dos genes. Desintegrado, o ser humano não é mais objeto das questões que, ao longo da história do conhecimento, nos confrontavam como desafio: Quem somos nós ? Qual o nosso lugar na natureza? No Universo?

Urge reconstruir a idéia de ser humano para além dos fragmentos que a ciência moderna estuda e esta urgência é fortemente sentida pelas mulheres. As plataformas políticas do Movimento de Mulheres e do Movimento Ecologista traduzem uma raiz comum que pode ser sintetizada em uma desconfiança crescente face à ciência todo-poderosa, desconfiança que se nutre de uma reflexão ética entendida como questionamento das finalidades que a ciência e a técnica propõe ao conjunto da humanidade.

A voz feminina passou da ambição modesta de ser ouvida no espaço público a uma outra, bem mais subversiva, a de formular um outro projeto civilizatório. A emergência do Feminino como lugar de onde pensar e agir no mundo é, não apenas um sintoma do nosso tempo, como também, e principalmente, o desejo consciente de mulheres que nele depositam sua contribuição ao futuro."

As mulheres reunidas no Planeta Fêmea não estavam ali para se apresentarem como vítimas de um exílio histórico. Isso também, mas não só. Estavam ali para dar essa contribuição ao futuro, exigindo direitos e reivindicando responsabilidades. Afirmavam assim a recursividade da história e nela a possibilidade de um renascimento. "De resto, não é difícil ver que a nossa época é um tempo de nascimento e um período de transição. Um tempo para rejuvenescimento cultural e transformação do mundo, de fabricação das relações sociais. Um tempo para começar um movimento para fora dos padrões 'universais', patriarcais, para procurar espaços com um outro frescor, para encontrar novos futuros para o humano. E o movimento de mulheres significa uma dessas possibilidades. Ele tem o potencial de alertar fundamentalmente a natureza de todo o conhecimento e tem a promessa de mudar a qualidade de vida. O feminismo é para as ciências sociais um deslocamento de paradigma, e para os movimentos sociais uma ruptura. Ele traz para o mundo novos significados, nova esperança." Volta Corine.

Volta a palavra esperança. Do fundo da desconfiança que as

mulheres votam hoje, não à ciência como prática – pois que elas a praticam – mas a uma epistemologia tosca que não se interroga a si mesma, do fundo dessa desconfiança as mulheres evocam a esperança de que, recortando os objetos do seu ponto de vista e articulando-os de maneira ecológica, complexa, o tecido social ganhe um novo desenho, e novas cores. O Planeta Fêmea foi antes de mais nada um ponto de vista. E um reservatório de esperança. Talvez isso explique o "alto astral" que a imprensa noticiou. A exaustão do século é tanta que só restava o otimismo. O que poderia ter sido um canto de cisne, fez-se canto de sereias, encantatório, acenando com a tentação do inédito.

A "Agenda 21 das mulheres": uma certa noção da felicidade

"Reconhecendo a possibilidade de uma fala inteligível entre mulheres, entre elas e o meio ambiente, as políticas econômicas e as estratégias de desenvolvimento, a justiça social e a sobrevivência de todas as espécies, promoveremos os princípios de uma agenda de ação e encorajaremos todos onde quer que estejam a que usem meios políticos e econômicos para tornar realidade as suas recomendações. Tentaremos proteger todos aqueles que sustentam esses princípios contra quem os quiser calar ou criar obstáculos ao caminho que leva à justiça ambiental e social. Queremos que homens e mulheres participem igualmente das políticas públicas, como executivos em organizações governamentais e não governamentais; nos processos de tomada de decisão, administração e procura de fundos a níveis comunitários nacionais e internacionais."

Fizemos um grande esforço. Buscamos a fala técnica, 'onusiana' e redigimos deliberações. Fizemos uma 'Agenda 21 das Mulheres'. Que não nos venham dizer que não nos adequamos aos bem pensados e medidos textos das resoluções internacionais. Em novembro do ano passado, em Miami, 1500 mulheres aclamaram um texto mais ou menos assim, correto, preciso, que foi lido a muitas vozes e entregue com solenidade ao secretário geral da ECO 92, Maurice Strong. Que fique claro que sabemos reivindicar poder, e fazer política nas regras do jogo. A 'Agenda 21 das Mulheres' chegou até o RioCentro, foi ouvida e considerada um documento competente. Mérito nosso o de falar muitas línguas conceituais. Uma agenda 21 em dez pontos que seguimos, aplicadamente, nos debates do Planeta Fêmea existe e pode ser consultada. Entreguei pessoalmente esse texto ao embaixador do Brasil em Nova Iorque. Não sei que fim levou. Terá chegado ao Itamaraty? Sei que por outras mãos chegou aos embaixadores do mundo inteiro, aos convidados oficiais do RioCentro. Sei que esse texto foi levado em conta e consta da Agenda 21, *output* da Conferência e entra assim nos anais da oficialidade, o que nos dá uma sensação de ter tangenciado o planeta dos homens. No momento exato, buscamos a palavra mais certa.

Missão oficial cumprida, voltamos à nossa tenda que chamávamos, brincando de "território liberado" ou de "estado de espírito". Maurice Strong tem razão, a conferência oficial e o Fórum Global não foram duas conferên-

cias, mas uma só, e dois processos que se confundiram e um mesmo sentimento de urgência.

Uma primeira constatação, a dos limites. Em tela de juízo a noção de progresso. Nada é mais difícil para nós, todos e todas educadas na idéia da cultura como superação da Natureza, do que aceitar os limites. E no entanto, a Natureza impõe limites, tem seus *points of no return*. A irreversibilidade é uma consciência dolorosa. Dentro dela fica a questão única, a única verdadeira, como viver, como conviver? Nós todos, nós tantos, cada vez mais, nesse mundo tão miseravelmente limitado? Jacques Costeau, falando no Riocentro ameaça com o furacão conhecido dos Orientais, o Tsunami. E, afirma, esse furacão somos nós mesmos, o flagelo que se prepara é a população mundial. Vandana Shiva responde emocionada, esse furacão é um erro de base, não somos nós todos, mas um estilo de vida, uma certa noção da felicidade, travestida em modelo de desenvolvimento. Modelo de desenvolvimento, expressão corriqueira em 3 décadas de discussões na ONU, que consagra os que chegaram lá e os outros, os excluídos, os que na escala de melhores e piores são os que não sabem, não podem e que nunca poderão, os outros, os do sul, nós. Os descartáveis.

Vozes da Índia. É curioso como falou alto a voz da Índia, onde são tantos e tão miseráveis, tão longe do desenvolvimento. Como viver? Como ser feliz? Um certo critério de humanidade tímido, a se imiscuir nos debates sobre o desenvolvimento. E as mulheres, no meio de tudo isso, palpitando e levantando hipóteses. E se a felicidade não fosse o consumo infinito de bens? E se uma certa humildade, um estar na Natureza com uma certa simplicidade, uma certa e ancestral noção de pertencimento e de cumplicidade mudasse o rumo das coisas, mudasse o destino de todos nós? Destino, de toda maneira, comprometido pela noção de limites, pelo sentimento agudo da desigualdade dentro dos limites que tocam a todos? Nós, sobretudo nós, gente do sul, educados na idéia da inferioridade e também da injustiça, na idéia da exclusão, na corrida para empatar com um parceiro que ganha sempre, nós que já entendemos as regras do jogo, subitamente nos perguntamos se esse empate vale a pena. Nós que conhecemos Nova Iorque, com o sentimento ambíguo de sedução e de horror. Um ministro brasileiro, que foi demitido, disse em Nova Iorque que o consumo faz mal, faz lixo, torna as pessoas tristes. Repercute no Aterro mais uma vez a questão da felicidade. Como pano de fundo, a mais grave, a mais importante, talvez, das questões discutidas. Somos muitos, seremos demais para os pobres limites da terra. Controlar esse furacão que ameaça destruir tudo com a força cega e predatória de uma população monstruosa, aspirando a comer mas também a vídeos e ar condicionado. Para que os vídeos sobrevivam, para que não faça tanto calor, para que o Norte seja o norte, e o Norte – a verdadeira civilização – seja o mundo, sejamos menos, e aí sim vai dar para todos. Mas as mulheres perguntam: será? E respondem, não.

De envergadura planetária, esse furacão é um problema maior que

não dá para contornar, batemos de frente com ele, mulheres do norte e do sul. Para nós tudo isso é especialmente grave. Nas voltas que dão os papéis da ONU, nas voltas que dão as decisões políticas, as estatísticas, o ponto de chegada é um só, infalível. O perfil de uma mulher sem muitos recursos, cansada da vida e carregada de filhos – meu bem, meu mal – se desenha no horizonte. Acusadas de serem as culpadas de tudo, culpadas do furacão, essas mulheres ficam imprensadas entre uma acusação injusta e a ambigüidade de seus próprios desejos. Onde ficam esses desejos ? Desejo? Quem defesas não tem, não se defende. Quem as defende ?

Havia que assinar um tratado sobre população, gente do norte e do sul. Fio da navalha em que caminhou com passo incerto a idéia, a noção sagrada da liberdade. A liberdade mais grave, a mais fundamental, a mais escatológica de dar ou não dar a vida. Quem senão nós, desse lugar definitivo e privilegiado que é o do nosso corpo, leia-se, da nossa vida, para decidir como e quando desdobrá-lo ou não em mais vida? Afirma-se, então, com voz segura, a liberdade de escolha. Mas quem as ajuda a escolher? Escolher em liberdade é escolher entre duas liberdades. E a liberdade se faz com desejos, mas o desejo se faz com conhecimento. E as mulheres pobres? Basta olhar, andar nas ruas pobres dos continentes pobres para saber que elas não sabem ou não podem. Nós, que, supostamente, podemos e sabemos, defendemos esse direito de escolha, pedindo políticas de saúde que horizontalizem o conhecimento, que garantam o que chamamos de opção.

E opusemos as histórias de vida, o incontrolável mistério do desejo, à frieza gélida das estatísticas, aos sábios números que demonstram o impossível, opusemos a eles uma hipótese do possível que não gire em torno do econômico, mas em torno da liberdade no marco da mais impalpável e ancestral fidelidade aos princípios da ética.

O preâmbulo ao tratado assinado entre as ONGs do norte e do sul resume os pontos nevrálgicos de um debate civilizatório que se esconde sob o tema População.

"O direito das mulheres de controlar suas escolhas de vida é a base e o fundamento de toda e qualquer ação referente à população, meio-ambiente e desenvolvimento.

Rejeitamos e denunciemos toda e qualquer forma de controle do corpo da mulher por governos e instituições internacionais. Rejeitamos e denunciemos a esterilização forçada, o uso abusivo da mulher em experiências destinadas a testar contraceptivos, e a negação do seu direito de escolha livre e consciente.

Reafirmamos e apoiamos a conquista pelas mulheres, metade da população mundial, de poder sobre suas escolhas de vida e seu direito a controlar sua fertilidade e a planejar suas famílias.

A comunidade internacional deve analisar os problemas que decorrem da relação entre população, meio-ambiente e desenvolvimento dentro do marco de referência e dos limites definidos pela ética, pela democracia e pelos direitos humanos. Deve também ser reconhecido o fato de que um

quarto da população mundial – predominantemente nos países mais industrializados – consome mais de 70 % dos recursos da terra e é responsável pela maior parte da degradação ambiental do planeta." E mais adiante:

"As taxas de natalidade declinam quando a condição social, econômica e de saúde das mulheres melhora e quando aumenta o nível de vida. Os mecanismos políticos e econômicos em ação no interior de cada país e no quadro da atual ordem mundial que criam e perpetuam pobreza, desigualdade e marginalização dos povos do Sul, e em cada vez maior número no Norte, devem ser transformados.

Militarismo, dívida externa bem como o ajuste estrutural e as políticas comerciais promovidas por grandes empresas, e instituições financeiras e comerciais internacionais, como o Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e o GATT, degradam o meio ambiente, empobrecem a maior parte da população mundial e perpetuam a iniquidade da atual ordem internacional. Condenamos estas políticas e proclamamos a necessidade da adoção imediata de políticas alternativas baseadas nos princípios de justiça, equidade e sustentabilidade.

Testes nucleares e resíduos tóxicos envenenam o meio ambiente, ameaçam os estoques alimentares e produzem esterilidade, doenças e malformações genéticas. Reivindicamos a eliminação dos riscos ambientais que privam mulheres e homens de seu direito à saúde e a filhos saudáveis.

Padrões de consumo e de produção no Norte e entre os privilegiados do Sul, que constituem hoje a maior ameaça à sobrevivência de vida na Terra, devem ser transformados de modo a fazer cessar o desperdício de recursos naturais e a exploração de seres humanos."

A Coalisão de Mulheres Brasileiras, na qualidade de coordenadora dos países do Sul, na negociação, assinou, com mão firme, esse tratado. Ele vinha ao encontro dos princípios por nós já anunciados no documento que preparamos como contribuição ao Documento da Sociedade Civil, elaborado pelo Fórum de ONGs Brasileiras Preparatório da ECO 92. Este, um texto em tom incisivo que repercutiu no tratado.

"A despeito de suas declarações de princípios e de boas intenções, a abordagem proposta nos documentos internacionais leva a estratégias do tipo "é preciso que tudo mude para que tudo continue a ser como é". Não é o que queremos, nem o que precisamos. A preservação da liberdade e da dignidade da vida humana exige que tudo mude de fato, sobretudo a noção de que o consumo ilimitado de bens e mercadorias representa o único e melhor dos projetos para a humanidade.

A equação população/recursos não se resolve agindo-se apenas sobre uma variável. No caso, e não por acaso, aquela que diz respeito às nações mais fracas e, dentro destas, ao elo mais fraco de suas populações – as mulheres – e, dentre elas, as mais indefesas e vulneráveis, as mulheres pobres.

Negar a complexidade do problema significa negar as noções mais

básicas de solidariedade e equidade no enfrentamento das questões planetárias. A superação de abordagens unilaterais e unidimensionais, evitará que a questão populacional seja tratada sob o ângulo privilegiado da demografia. Somente a inversão dessa ótica, deslocará a temática para o terreno infinitamente mais rico e verdadeiro das opções éticas. Estas sim permitirão a redefinição de modelos de desenvolvimento e de organização social.

É também através deste prisma ético que a voz das mulheres se faz ouvir no debate. A legitimidade do olhar específico de um grupo social sobre um problema global decorre do fato de que toda e qualquer política demográfica se exerce, em última análise, sobre o corpo das mulheres, com gravíssimos riscos para sua liberdade e integridade.

A decisão sobre reprodução é direito irrenunciável dos indivíduos. Esta escolha é tomada a partir de critérios eminentemente privados, inerentes ao campo dos sentimentos e da afetividade. Por isso mesmo, a escolha de ter ou não ter filhos não se submete à exigências políticas ou à lógicas econômicas. Seus critérios se situam e se exprimem em uma outra esfera de valores, fundados no relacionamento interpessoal, na gratuidade e na reciprocidade, bem diferentes da lógica do mercado, com seus cálculos de perdas e ganhos, lucros e interesses.

Por todas estas razões, é inaceitável tratar a sexualidade e a afetividade dos indivíduos, como dados frios e inertes do macro-planejamento que reduz a liberdade e o desejo ao anonimato das projeções numéricas.

É a partir destas noções de liberdade e de escolha, de uma reavaliação da privacidade e da intimidade dos indivíduos, que podem e devem ser questionadas as políticas públicas, as análises macro-econômicas, os planos multinacionais. Reenraizar a noção de desenvolvimento dentro das necessidades humanas e não da lógica do mercado, rever os padrões de organização social a partir das necessidades e direitos dos indivíduos, desentranhar do consumo as noções de bem-estar e de felicidade, reorganizar a política e a economia a partir da cultura são condições *sine qua non* para um reequacionamento da relação entre população e recursos."

Se a esperança foi o primeiro *leitmotif* do Planeta Fêmea, a ética foi certamente o segundo. E quando a ética entra em jogo traz consigo inexoravelmente o sentimento de justiça, ou da injustiça, se tomado pelo avesso. Solidariedade e diversidade, reconhecimento do outro como história coletiva, feita de tudo aquilo que para cada um é mais querido: convicções, identidade, pertencimento e, às vezes até mesmo fé. A diversidade do humano, única seiva de sua conservação, de sua sobrevivência, não é feita apenas de cores, de traços, mas de histórias que são as de nossos ancestrais e que formam conosco essa coisa sem equivalência, que aliás não se repetirá, e a que chamamos nossas vidas. Um grupo de mulheres canadenses, no tórrido calor do Flamengo, lembrou, com uma lucidez embebida de humanismo, a matéria múltipla de que se faz a humanidade. Múltipla e contraditória, confrontando cada um de nós à condenação de não se considerar nem único nem melhor, mas um entre muitos, célula humilde de

um organismo complexo, ao qual pelos caminhos do amor e do mútuo reconhecimento, somos chamados a chamar Humanidade. "Solidariedade e diversidade", foi o nosso primeiro tema de discussão, nossa entrada em matéria na câmara escura, na Caixa de Pandora, esse humano sem fundo, a que pertencemos todos, pelo reconhecimento ou pela estranheza. Quem sou eu? Quem é você? *Comment peut-on être persan?* Questão hoje velha de quatrocentos anos, mas dolorosamente atual e elucidativa.

Para além das diferenças, para além da voz, mais ou menos aguda, do gesto mais ou menos controlado, do riso iluminado de Wangari Matthai, saída da cadeia porque planta árvores como um desafio, ficou para os dias seguintes a questão latente: o que faremos de nós? Questão portuguesa, das Novas Cartas Portuguesas, "do mundo, o que faremos? Um maio, um outubro, um outro mundo?". E de nós, o que faremos? E dessa civilização que agoniza nos nossos braços? Vinte anos atrás, as Novas Cartas Portuguesas lembraram os gritos de liberdade de uma freira encarcerada, ferida de amor, de paixão, a braços com impossível liberdade? Encarceraram as autoras como a freira inspiradora.

Nós, livres, que tomamos aviões, que cruzamos continentes, que não tememos o microfone, de nós, do mundo, o que faremos? Estão abertos os debates. Com direito ao delírio. "Porque não importa tanto a paixão, mas o seu exercício."

Sabendo, no ponto de partida, que a escuta é fundamental, que para além do horizonte, velha ilusão do olhar, outros mundos e outras gentes nos contemplam com uma gravidade maior que os séculos napoleônicos do alto daquelas pirâmides. Solidariedade e diversidade, no ponto de partida e no ponto de chegada.

Na travessia dessa diversidade, no percurso que durou dez dias, alguns momentos de intensidade maior marcaram a memória. Uma incompatibilidade tão antiga quanto as próprias mulheres se manifestou na condenação do militarismo. Incompatibilidade arquetípica, consagrada já nas pedras das frisas romanas, hoje visíveis nas colinas gregas de Delfos, onde o perfil de mulheres atiradas à terra, invisíveis aos cavaleiros, agarradas as patas dos cavalos contam a história de uma luta muito antiga para impedir a partida de exércitos gloriosos que se alimentam da guerra. O horror do militarismo e de sua mais perversa expressão, o nuclear, fez-se unânime, mas com especial ênfase nas mulheres americanas. Sobretudo elas, que nasceram com a bomba atômica e já viúvas de um soldado desconhecido, que cresceram temendo os mísseis que viriam do frio, que correram as ruas da juventude *making love not war*, sobretudo elas assumiram os mais solenes compromissos, mesmo os da deserção, em caso de armas voltadas contra povos injustiçados. Da criação dos filhos, o mais privado dos redutos do privado, ao *lobby* parlamentar, o mais público dos corredores do público, as mulheres prometem uma oposição (quero escapar às metáforas da guerra), uma luta contra o militarismo que transfere seus recursos para o que chamam de maneira intraduzível *life-enforcing programs*. São princípios muito antigos

os que se reencenam aqui. E que ganham particular importância quando uma noção equivocada de igualdade entre homens e mulheres já levou à aberração de certas demandas de postos militares também para elas. Nas frisas romanas, na ancestralidade dessa incompatível relação das mulheres com a guerra, talvez resida uma melhor solução para a igualdade e a cidadania das mulheres do que quatro estrelas no peito e uma vocação de generalato.

Quimera? Memória do refrão infantil recriado por um poeta: "a era da ira tombada na terra que a mão da quimera desfalecera". Quimeras desfalecem iras, pelo menos nas palavras dos poetas. No Planeta Fêmea o desejo de paz foi um refrão tão insistente quanto a vida, repetido em diferentes línguas pelas dez redes internacionais que organizaram o Planeta.

Quimeras? Pastoras de nuvens? Quem sabe? Os poetas voltam ao texto como presença incontornável.

Há quem explique a origem da palavra poesia como o ato de lançar no firmamento imagens como quem cria estrelas. Fazer poesia é, portanto, um ato de criação sideral. Criar planetas também, mesmo se eles nascem de sustos. Criar planetas, lançar no horizonte visível desejos, fazer existir como possível, já que sonhado, um outro *design* da vida na Terra. A presença das mulheres na Eco 92 teve antes de mais nada uma função poética de invenção sideral. No sentido mais nobre da poesia, o de "manter sempre teso o arco da promessa". Foi por isso mesmo uma função política por excelência, a de recolocar o Sentido na linha do horizonte, linha que recua sempre, mas que nos faz desejar, linha que espelha todo movimento. Espelho do movimento, do nosso, Movimento de Mulheres.

Há quem explique a origem da Terra por uma gigantesca explosão. Há quem explique a origem da palavra poesia como invenção sideral. Não há, que eu saiba, quem explique a origem do desejo, da aspiração ética e da esperança.